

A Geodiversidade à luz da fenomenologia: identidade e resistência no quilombo Itamatatiua, Alcântara – Maranhão.

GEODIVERSITY IN LIGHT OF PHENOMENOLOGY: IDENTITY AND RESISTANCE IN THE ITAMATATIUA QUILOMBO, ALCÂNTARA – MARANHÃO.

*Danielle de Assis Araújo Alves **

*Antonio Cordeiro Feitosa ***

*Renan Augusto Fernandes Silva ****

RESUMO

A paisagem é dotada dos elementos naturais impregnados de relações e impressões da sociedade, no tempo-espacó do homem com as marcas da cultura e da identidade. A paisagem do Quilombo de Itamatatiua, situado no município de Alcântara, é marcada por elementos da geodiversidade e da biodiversidade em relação intrínseca com as atividades humanas manifestadas através da cultura tradicional e das práticas religiosas, artísticas e de lazer, como a festa de Santa Tereza d'Ávila. Com o objetivo de compreender a importância dos elementos da geodiversidade para a comunidade, o estudo foi baseado no método fenomenológico, abordando a compreensão da importância dos elementos abióticos utilizados para a produção ceramista e sua relação com as artesãs e os demais moradores da comunidade. Os elementos da natureza, apropriados pelas artesãs e utilizados na produção de cerâmica, com destaque para a argila, integram o conjunto da geodiversidade. Com o aporte teórico da fenomenológica, comprehende-se que os elementos da natureza, moldados pelas gerações, dotados de história, tradição, cultura, experiência, entre outros atributos, ganham significados para atividades produtivas econômicas, de uso cotidiano, integrando a formação da identidade e fortalecendo a resistência do quilombo.

PALAVRAS-CHAVE: Geodiversidade; Fenomenologia; Identidade; Quilombo Itamatatiua.

* Danielle de Assis Araújo Alves, mestra em Cultura e Sociedade pelo PGCult, Professora da rede estadual de ensino do Maranhão d.araujoalves@hormail.com

** Antonio Cordeiro Feitosa, Doutor em Geografia, Professor Titular da UFMA, permanente do PGCult antonio.cf@ufma.br

*** Renan Augusto Fernandes Silva, pós-graduando do PGCult, Professor da rede estadual de ensino do Maranhão renan.augusto@discente.ufma.br

A Geodiversidade à luz da fenomenologia: identidade e resistência no
quilombo Itamatatiua, Alcântara – Maranhão.

ABSTRACT

The landscape is endowed with elements of geodiversity and imbued with societal relationships, encompassing human existence in time and space by recording cultural and identity impressions of the communities. The Quilombola community of Itamatatiua, located in the municipality of Alcântara, has a landscape characterized by elements of geodiversity and biodiversity, intrinsically connected to the productive activities of the resident population. These are manifested through traditional extractive and agricultural culture, as well as religious, artistic, and leisure practices, such as the community's best-known festival in honor of Santa Tereza d'Ávila, which traditionally takes place in the area. To achieve the research objective, the study was designed based on the phenomenological method, focusing on understanding the importance of the abiotic elements used in ceramics production and their relationship with the craftswomen and other community residents. The natural elements used in ceramics production, especially clay, are part of the geodiversity utilized by the craftswomen. Through the phenomenological approach, these elements are understood as being shaped by generations, endowed with history, tradition, culture, experience, and other attributes. These elements gain meaning by the residents who use them in economic productive activities, in daily use and to integrate the formation of identity and strengthen the resistance of the quilombo.

KEYWORDS: Geodiversity; Phenomenology; Identity; Itamatatiua Quilombo.

Introdução

A utilização dos elementos da natureza pelo homem, para contemplação ou exploração, resulta na relação intrínseca entre a sociedade e o ambiente natural, que tem sido fundamental desde a Idade da Pedra quando fragmentos de rochas eram modelados e utilizados para a caça e outras atividades de sobrevivência. As condições naturais do ambiente motivaram também a escolha dos locais próprios para ocupação, prioritariamente localizados próximos a rios ou a zonas costeiras e litorais, onde se desenvolveram as cidades mercantilistas facilitadas pelas atividades marítimas.

Danielle de Assis Araújo Alves
Antonio Cordeiro Feitosa
Renan Augusto Fernandes Silva

O Brasil é um dos países com maior extensão territorial a nível global, tendo uma natureza rica em diversidade abiótica e biótica, cuja exploração remonta à ocupação primitiva, sendo incrementada no período da colonização europeia que se instalou nas proximidades da costa para facilitar o escoamento dos produtos para a Europa. Os colonizadores priorizavam os recursos de exploração direta da fauna, flora e minerais valiosos como ouro e prata.

Essa atenção vem se ampliando e muitos estudos se voltam aos elementos abióticos da natureza, enfatizando sua importância para a sociedade e suas ressignificações. Nesse percurso, o termo “geodiversidade” começou a ser utilizado com frequência na década de 1990, por uma corrente de estudiosos da geologia e geomorfologia, para valorizar os atributos da diversidade do meio físico. Sua concepção passou por diversas adaptações, sendo atribuído atualmente aos elementos abióticos da natureza, incluindo seus processos modeladores que resultam nas variadas expressões do substrato geológico, suporte dos elementos da biodiversidade e onde “[...] se desenvolvem as diversas intervenções antrópicas de apropriação e ocupação da Terra” (Pereira, Rios e Garcia, 2016, p. 196).

A diversidade de elementos e processos abióticos, juntamente com a biodiversidade, constituem a paisagem, cuja utilização pela sociedade atribui significados que se inserem no escopo da abordagem fenomenológica, preconizada pela busca do conhecimento da relação entre homem e natureza, sendo a natureza uma paisagem de vida e de compreensão do próprio Homem, cuja complexidade alimenta as reflexões da filosofia contemporânea e explorada pela fenomenologia na visão de Husserl (2002, p. 12) que aborda “[...] o ser tal como se apresenta no próprio fenômeno. E fenômeno é tudo aquilo de que podemos ter consciência, de qualquer modo que seja”.

A Geodiversidade à luz da fenomenologia: identidade e resistência no
quilombo Itamatatiua, Alcântara – Maranhão.

Para Nascimento e Costa (2016, p. 45), a fenomenologia consiste na “relação de consciência que o indivíduo tem com o objeto, ou seja, ela reconhece a realidade e a verdade de determinados fenômenos, as coisas como elas aparecem a quem as observa”, buscando compreender a essência do fenômeno utilizando a observação para analisar os dados e as informações assim como se apresentam. Abordam-se os elementos abióticos da paisagem do quilombo Itamatatiua que consistem de seus fenômenos, significados e valores atribuídos para os moradores, compondo a essência que se expressa na história e na cultura da comunidade, notadamente os derivados do elemento argila.

A comunidade de Itamatatiua, localizada no município de Alcântara, é um território quilombola conhecido local e nacionalmente, que desperta o interesse de estudiosos por sua história e pelas técnicas utilizadas na produção da cerâmica. A argila é o elemento abiótico principal dessa arte, constituída por saberes ancestrais indígenas e africanos, passados para as gerações subsequentes.

O topônimo “Itamatatiua” tem origem indígena (Tupi) e significa água, peixe e terra, tendo sido inserida na categoria de "Terras de Pretos" e "Terras de Santo". Por sua origem diferenciada de outras comunidades negras do Maranhão, não foi fundado por "escravos fujões", mas por uma fazenda administrada por ordem religiosa, cujos membros tiveram que abandonar suas terras deixando-as sob o controle dos negros. Além disso, é considerada uma “Terra de Santo” porque as terras pertenciam a Santa Tereza d'Ávila que se tornou padroeira da comunidade (Almeida, 1989; Grijó, Berardo e Mendonça, 2009).

A maioria das famílias trabalha na pesca e na agricultura. Entretanto, a fonte de renda principal da comunidade é proveniente da cerâmica produzida pelas artesãs da Associação de Mulheres, saber herdado dos seus antepassados que se expressa através da produção de peças para uso doméstico, sendo o produto cultural mais conhecido e

Danielle de Assis Araújo Alves
Antonio Cordeiro Feitosa
Renan Augusto Fernandes Silva

significativo para a subsistência da comunidade. A argila que integra a geodiversidade da área tem extrema importância para as artesãs cuja arte é moldada conforme suas habilidades e a que agregam significados.

No presente tem-se como objetivo compreender a importância dos elementos abióticos utilizados para a produção ceramista, através da fenomenologia, e sua relação com as artesãs e os demais moradores da comunidade, objetivando destacar a matéria-prima da cerâmica de Itamatatiua como elemento da geodiversidade e analisar os saberes tradicionais que as moldam por meio das experiências, vivências e percepções.

1. Contexto Histórico de Itamatatiua

O território de Alcântara está entre os mais antigos do Maranhão, precedendo até mesmo o do município de São Luís, capital do Estado. Segundo o IBGE (2017), não se pode precisar a fundação de povoação de Alcântara, mas é certo que em 1612, quando da ocupação francesa da ilha do Maranhão, ali já havia um aglomerado de aldeias dos índios Tupinambás, conformando o total de 10 aldeias, cujo território recebeu o nome da mais importante, Tapuitapera (d'Abbeville, 1975, p. 146).

Conforme Ferreira (1959, p. 19), “dessas aldeias não faltou quem lhes desse os nomes, dos quais os cronistas da expedição guardaram apenas os dos principais”. Dentre estes guardados pelos cronistas destaca-se Tapui-tapera, a aldeia considerada a “cabeça” do território, segundo Marques (1970), denominada também de aldeia dos americanos. Tapuitapera constituída pelos índios Tupinambás, do tronco Tupi, significava terra ou residência dos tapuios ou cabelos compridos (Ferreira, 1959).

Em 22 de dezembro de 1948, data do tricentenário de sua elevação à condição de Vila, Alcântara é tombada como Cidade Histórica e

A Geodiversidade à luz da fenomenologia: identidade e resistência no
quilombo Itamatatiua, Alcântara – Maranhão.

Monumento Nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IBGE, 2017). O município é marcado até os dias atuais pela arquitetura que expressa traços da relação de poder dos colonos baseado na escravidão indígena e africana.

A exploração da mão-de-obra escrava em Alcântara utilizou o corpo, a alma e a energia dos indígenas e dos negros nas fazendas, nas casas e na vida dos moradores do território, de que resultou a miscigenação étnica e cultural que expressa a resiliência dos dois povos ancestrais. Alcântara é um dos municípios, segundo a Fundação Cultural Palmares, que concentra 157 comunidades quilombolas certificadas (Brasil, 2018), todas vivendo em estado gregário.

Com o fim da escravidão, a falência das fazendas e o abandono dos escravos implicaram isolamento social e alijamento frente aos eventos sociais como a adoção do modelo capitalista, a apropriação e incorporação de novas tecnologias e as mudanças ocorridas nas relações de trabalho a partir de meados do século XX. Durante os trabalhos preliminares para a implantação do Centro de Lançamento de Alcântara, as práticas culturais das comunidades quilombolas, fossem pescadoras ou agrícolas, ainda mantinham as mesmas técnicas e utilizavam instrumentos semelhantes aos adotados durante a escravidão.

Para Antunes (2008) os camponeses tiveram que rever seus modos de vida e de produção, mas, em Alcântara, o isolamento não permitiu que essa condição representasse uma possibilidade; permanência de comunidades de negros traduz a resistência e a determinação de seus integrantes pela impossibilidade de acesso às transformações sociais. Mesmo diante das ameaças à expropriação territorial, ainda primam por manter suas tradições culturais.

Segundo Ferreira e Grijó (2009), esses traços identitários demarcam fronteiras e territórios entre as comunidades com características

Danielle de Assis Araújo Alves
Antonio Cordeiro Feitosa
Renan Augusto Fernandes Silva

próprias, o que se verifica em uma dessas comunidades, denominada Itamatatiua ou Tamatatiua, que significa água, peixe e terra na língua Tupi.

A comunidade quilombola de Itamatatiua possui cerca de 321 anos e é composta por 80 famílias (Souza e Pinto, 2019) e, conforme Bandeira (2017), por aproximadamente 450 habitantes. A data de sua fundação ainda é muito discutida. Oosterbeek e Reis (2012) e Bandeira (2017) afirmam que há documentação sobre a origem do povoamento da área que remonta à instalação de uma colônia agrícola de propriedade da Ordem Carmelita na região.

Ferreira e Grijó (2009) complementam as informações citadas afirmando que a população foi originada a partir de um casal de negros doado à Santa Tereza d'Ávila, o que é reforçado, conforme Bandeira (2017), pela pedra de fundação da colônia, presente na comunidade, que atesta a existência da fazenda administrada pela ordem religiosa dos Carmelitas, denominada colônia de Santa Thereza, com data de fundação em agosto de 1878 (Figura 01).

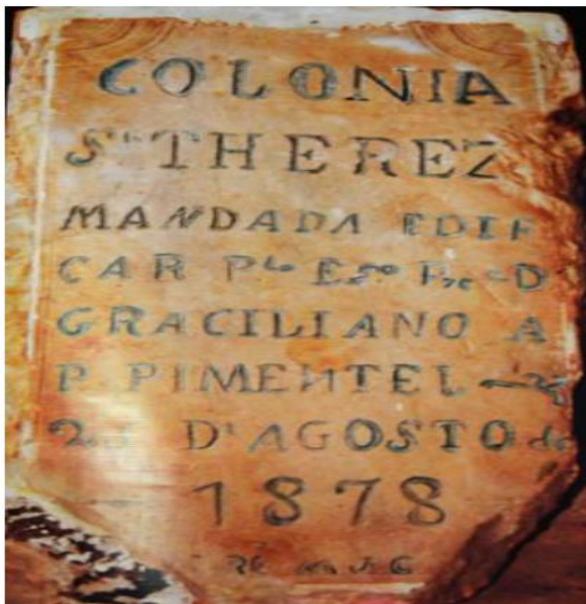
A ordem Carmelita chegou ao Maranhão em 1615, através dos frades André da Natividade e Cosme da Anunciação, que integravam a esquadra portuguesa que expulsou os invasores franceses. No ano seguinte à posse de Jerônimo de Albuquerque, os frades receberam uma carta concedendo à Ordem a ilha do Medo ou Boqueirão e uma extensão de terra, onde foram fundados os conventos de São Luís e Alcântara (Marques, 2008; 1870).

Conforme Grijó, Berardo e Mendonça, (2009), Itamatatiua está inserida na categoria de "Terras de Pretos" e "Terras de Santo", pelo fato de sua origem não estar associada aos chamados "escravos fujões", mas como já citado, a uma fazenda de ordem religiosa. Além disso, é considerada uma 'Terra de Santo' porque as terras pertenciam à Santa Tereza d'Ávila que se tornou padroeira da comunidade e todos os

A Geodiversidade à luz da fenomenologia: identidade e resistência no quilombo Itamatatiua, Alcântara – Maranhão.

moradores se consideram seus filhos. Para a região foram trazidos africanos das etnias Banto e Mina-Jeje (Oosterbeek e Reis, 2012).

Figura 01: Pedra de fundação da Colônia, marco histórico.



Fonte: Bandeira, 2017

A denominação “Terras de Preto” compreende, segundo Almeida (1989), aqueles domínios doados, entregues ou adquiridos, com ou sem formalização jurídica, por famílias de ex-escravos. Abarca também concessões feitas pelo Estado a tais famílias, mediante a prestação de serviços guerreiros. Os descendentes destas famílias permanecem nessas terras há muitas gerações sem proceder ao rito formal de partilha, sem desmembrá-las e sem delas se apoderarem individualmente.

Danielle de Assis Araújo Alves
Antonio Cordeiro Feitosa
Renan Augusto Fernandes Silva

As denominadas “Terras de Santo”, segundo Almeida (1989), se referem à desagregação de extensos domínios territoriais pertencentes à Igreja, administradas por suas ordens religiosas. A desorganização das fazendas de algodão, a partir do século XIX, levou, por exemplo, no Maranhão, a que grandes extensões exploradas por ordens religiosas (jesuítas e depois carmelitas, mercedários) fossem abandonadas ou entregues a moradores, agregados e índios destribalizados. Nessas terras, o santo aparece representado como proprietário legítimo, a despeito das formalidades legais requeridas pelo código da sociedade nacional (Foto 01).

A colônia de Santa Thereza foi abandonada pelos frades carmelitas quando da expulsão dos jesuítas do Brasil e do Maranhão, em meados do século XVIII, pelo Marquês de Pombal, que promoveu a reformulação dos processos administrativos da coroa portuguesa centralizando as ações sob sua autoridade. Enfrentando uma série de problemas administrativos, teve sua decadência atrelada ao declínio da exportação do algodão e as terras de seus domínios foram abandonadas, permanecendo nelas a população afrodescendente que já morava na área.

A Geodiversidade à luz da fenomenologia: identidade e resistência no quilombo Itamatatiua, Alcântara – Maranhão.

Foto 01: Igreja Matriz Santa Tereza d'Ávila, Itamatatiua



Fonte: acervo da pesquisa

A relação com o divino e o sagrado confere uma condição diferencial aos moradores do povoado Itmatatiua, pois todos se declaram integrantes de uma grande família com sobrenome que os une denominado “de Jesus”. Como consequência desse passado religioso, a maioria é católica com significativo sincretismo dos costumes, fenômeno que explica a crença na cura de doenças através do benzimento e das ervas (Ferreira e Grijó, 2009).

Considerando-se filhos de Santa Tereza, os naturais de Itamatatiua se definem como um grupo de negros com características distintas dos demais, pois têm sua descendência de uma santa branca; narrativa recorrente entre os moradores da comunidade que tem sido passada de geração em geração. Para Ferreira e Grijó (2012, p. 5), esta característica identitária a que os naturais de Itamatatiua se atribuem e se vinculam,

Danielle de Assis Araújo Alves
Antonio Cordeiro Feitosa
Renan Augusto Fernandes Silva

consistem em “um mito incorporado e necessário para os filhos de Santa Tereza se legitimarem com tal”.

2. Apropriação Cultural da Geodiversidade

A relação do homem com a natureza é condição única para sua subsistência. Da situação de dependência completa adveio a possibilidade de transformação de parcela significativa dos bens e recursos disponíveis no meio natural, através de processamentos cumulativos, para melhor acondicionamento, aproveitamento e conforto.

Dentre os elementos de apropriação imediata para a sobrevivência, elementos atualmente classificados como integrantes da diversidade abiótica, como os minerais, as rochas e as argilas, logo se configuraram como meios acessórios disponíveis para a elaboração de instrumentos capazes de facilitar a realização de uma grande parcela das atividades humanas para abrigo, defesa e empregos diversos nos processos culturais.

O primeiro uso do termo “geodiversidade” foi na década de 1940, cunhado pelo geógrafo argentino Frederico Alberto Daus (Medeiros e Oliveira, 2011), cuja lógica abordada diferia da principal corrente teórica atual, pois o autor empregava o termo como sinônimo de diversidade geográfica, como expressão das representações socioculturais e do conjunto de aspectos naturais que compõem a paisagem (Meira e Moraes, 2016).

Em 1990 iniciou-se a utilização do termo “geodiversidade” por geólogos e geomorfólogos para relatar as diversidades existentes no meio físico. O conceito passou por diversas alterações, sendo utilizado de acordo com pontos de vista mais restrito, sempre relacionados aos

minerais, rochas e fósseis, ou mais amplo, designando também os agentes e processos atuantes na sua gênese e evolução.

Nos últimos estudos, a geodiversidade foi conceituada como o conjunto dos elementos abióticos da natureza, seus processos formadores da paisagem e a relação com a sociedade que lhes atribuía valoração. Diversa na sua composição, os minerais de argila possibilitam diferentes usos desde tempos remotos, dentre os quais figura a confecção de utensílios domésticos, com valoração correspondente no tempo e no espaço.

Das 157 comunidades de Alcântara, apenas Itamatatiua, Mocajituba e Tubarão utilizam a argila, as duas últimas produzindo materiais de construção. Em Itamatatiua, a tradição mais importante é a produção de cerâmica, prática familiar que fortalece os costumes e as crenças, utilizando a argila, elemento do meio abiótico que ocupa posição de destaque nos processos culturais e econômicos locais com forte evidência de Empreendimento Econômico Solidário (EES), mesmo sem o conhecimento prévio dessa base conceitual (Souza e Pinto, 2019).

O caráter solidário da organização do trabalho em Itamatatiua é expresso nas demonstrações de quase todas as atividades da comunidade, desde a agricultura até as manifestações culturais, notadamente quando são da responsabilidade social das mulheres. Com referência ao trabalho com a argila, prioriza-se o mérito do conhecimento e da experiência na escolha do tipo e do manuseio do material, em todas as etapas.

No enquadramento ambiental, o veio específico da argila utilizada para a produção de peças está sobre a formação sedimentar Itapecuru, em depósitos fluviomarinhos holocênicos, na superfície aplainada sub-litorânea de Bacabal (Barbosa e Pinto, 1973), correspondendo a fácies dos argissolos vermelho-amarelos distróficos. Na evolução geológica, a formação Itapecuru pertence ao período Cretáceo, sendo constituída de arenito fino, avermelhado, cinza e róseo, com intercalações de argila, em

Danielle de Assis Araújo Alves
Antonio Cordeiro Feitosa
Renan Augusto Fernandes Silva

estratificação horizontal (Maranhão, 2002; Viegas, Rodrigues e Pereira, 2013).

Os depósitos fluviomarinhos holocénicos, segundo Veiga Junior (2000), formam as ilhas nos baixos cursos das principais drenagens e os terraços das margens das baías. Eles sofrem influência dos rios e das marés e são constituídos de areias quartzosas finas, esbranquiçadas, texturalmente maduras. Para Bandeira (2013), a superfície sublitorânea de bacabal, tem relevo monótono caracterizado por vastas superfícies de aplainamento, com topografia plana a levemente ondulada e por colinas baixas e suaves, modeladas em vales amplos com baixa a moderada densidade de drenagem.

Os Argissolos são constituídos, segundo EMBRAPA (2013), por material mineral, apresentando horizonte B textural imediatamente abaixo do horizonte A ou E com alta ou baixa atividade; o vermelho e o amarelo correspondem às cores apresentadas no solo e classifica-se como distrófico por possuir saturação por bases < 50% na maior parte dos primeiros 100cm do horizonte B (inclusive BA).

As informações relacionadas ao clima e à hidrografia da área tipificam um ambiente tropical úmido, com as características ideais para o uso da argila como matéria-prima para o artesanato. A argila é produto da fragmentação das rochas sedimentares em partículas menores que dois micras de diâmetro, cujas características são influenciadas pelo meio e demais substâncias que lhes atribuem variadas cores, níveis de plasticidade e de absorção de água. Durante o período chuvoso, que ocorre nos meses iniciais do ano, o local de coleta da argila encontra-se alagado, devido à contiguidade da superfície aplainada com o rio Aurá que deixa a área inundada até o início do período seco.

3. Fenomenologia, Geodiversidade e Resiliência em Itamatatiua

A fenomenologia é uma área de estudo da filosofia que busca compreender a relação do homem com o objeto, ou na área da geografia, do homem com o conjunto do espaço ou seus elementos, buscando através de sua percepção, por meio de experiências, vivências, compreender a essência do objeto, e conhecer a si mesmo, o modo como está relacionado com o mundo.

Para Nascimento e Costa (2016, p. 45), a fenomenologia como método de abordagem consiste em analisar os objetos a partir do sujeito, pois “são os sujeitos que determinam o objeto, pois ela parte do pressuposto de que os sujeitos constituem a realidade, que é singular do próprio sujeito”.

A partir da percepção do indivíduo sobre o seu entorno, despertando sua subjetividade, é que se pode determinar o objeto e o objeto que compõe a si mesmo, compreendendo e descrevendo as experiências vividas e seus significados para o indivíduo. Sobre o que é fenomenologia, Sokolowski 2004, p. 17 destaca:

A doutrina nuclear da fenomenologia é o ensinamento de que cada ato de consciência que nós realizamos, cada experiência que nós temos, é intencional: é essencialmente “consciência de” ou uma “experiência de” algo ou de outrem. Toda nossa consciência está direcionada a objetos. [...] Cada ato de consciência, cada experiência é correlata com um objeto. Cada intenção tem seu objeto intencionado.

Com base na interpretação de Sokolowski (2004), os elementos abióticos da natureza são responsáveis por definir não somente a ocupação do espaço pela sociedade desde sua origem, mas também o uso de seus componentes para subsistência, economia, cultura, entre outros, ao longo da história. É impossível ocorrer a dissociação do homem em relação ao

Danielle de Assis Araújo Alves
Antonio Cordeiro Feitosa
Renan Augusto Fernandes Silva

ambiente natural vivenciado, e a presente pesquisa está orientada para esta premissa, utilizando-se da abordagem fenomenológica.

A comunidade de Itamatatiua ainda mantém vivos alguns elementos característicos dos antigos quilombos como os laços consanguíneos que ainda persistem no local, com relações familiares muito fortes, ditando as regras da comunidade. Outra semelhança com antigos quilombos é a presença de liderança, no caso da comunidade a liderança é de dona Neide, a quem todos respeitam e admiram (Grijó, Berardo e Mendonça, 2009).

Explorando as relações sociais dominantes nas comunidades quilombolas de Alcântara, comprehende-se que as articulações dos indivíduos entre si e destes com o ambiente configuraram modelos passíveis de afinidade com o Contrato Social (Rousseau, 2001) e com o Contrato Natural (Serres, 1990).

No quilombo de Itamatatiua, a organização social é fundada na família cujos laços se mantêm fortes mesmo depois que os filhos já não dependem diretamente dos pais. A importância da figura materna encarna o poder do mais forte e é transferida simbolicamente para a líder da comunidade, personagem responsável por guardar a “pedra”, a imagem de Santa Tereza d’Ávila e a igreja, além de outras ações requisitadas por todos os segmentos da comunidade.

A liderança é transmitida de forma hereditária desde a época da partida dos padres carmelitas e se preserva fortalecida até o presente. A líder também é presidente da Associação de Mulheres, controlando a produção do artigo economicamente mais importante da comunidade: a cerâmica (Grijó, Berardo e Mendonça, 2009). O controle referido se estende a outros segmentos da articulação social e das ações políticas da comunidade, desde as atividades produtivas, manifestações culturais e festeiros religiosos até a defesa dos interesses políticos.

Na produção ceramista de Itamatatiua, a argila é o material mais importante. Contudo, o Taquipé e a areia agregam qualidade e durabilidade às peças, consideradas bens materiais de uso doméstico e ornamental que geram renda para as artesãs, quando transformadas em peças de cerâmica para venda no mercado, auxiliando no sustento de famílias e para comprar o que é necessário para suas casas e para criação de seus filhos.

Segundo a artesã e representante da comunidade, Dona Neide, a argila é coletada entre os meses de setembro e novembro, às vezes até dezembro, antes de a área alagar novamente. Neste período a argila encontra-se levemente úmida e propícia para o artesanato; caso seja retirada antes, a argila está encharcada e o seu uso é impossibilitado.

O Taquipé é retirado da Mata Chã do Meio, considerada um local sagrado pelos moradores, carregado de energia ancestral, que foi reservado pelos antigos e fica distante da comunidade. Desta Mata é retirada o Taquipé ou Itaquipé, casca de uma árvore que auxilia na resistência das peças, evitando que rachem quando colocadas ao fogo. A areia que constitui a produção é retirada do fundo do rio das proximidades da comunidade, mas é utilizada em pequena quantidade, substituindo, em algumas peças, o Taquipé.

O incipiente conhecimento da extensão e do potencial da camada de argila própria para a utilização como matéria-prima na confecção das peças, assim como da exploração racional dos demais elementos da produção com vistas à maximização dos resultados, requer ações de proteção ambiental desse patrimônio natural que remetem à concepção do Contrato Natural (Serres, 1990).

A composição exata das porções de matéria-prima é domínio das artesãs mais experientes e os processos produtivos da cerâmica, até a conclusão da peça, segundo as artesãs, estão ligados diretamente ao significado cultural e histórico da comunidade. Estas práticas são

Danielle de Assis Araújo Alves
Antonio Cordeiro Feitosa
Renan Augusto Fernandes Silva

ancestrais, passadas por gerações e constituem a história do quilombo. A maioria das artesãs aprendeu a produzir peças através de suas avós, mães, tias, irmãs e primas, e adaptam seus saberes para construir com seus detalhes próprios.

Antes da criação de utensílios de plástico e alumínio, a cerâmica de Itamatatiua era o principal produto econômico da comunidade; a maioria das artesãs afirmaram que se iniciaram no trabalho para comprar roupas ou o que mais desejassem. Após a incorporação de utensílios desses materiais, a procura pelas peças de cerâmica diminuiu significativamente. Entretanto, esta prática ainda persiste e é responsável pela construção da identidade das artesãs e dos demais moradores da comunidade.

A identidade, conceito utilizado nas áreas das ciências humanas e sociais, é construída através de ideias, crenças, tradições, entre outros parâmetros, que são compartilhados por indivíduos ou grupos e que o diferencia dos demais, mas também recebem influência significativa do meio em que estão inseridos.

As sociedades tradicionais consideravam a identidade como algo fixo, sólido e estável, pois os papéis sociais e o sistema tradicional de mitos eram fontes de orientação e de sanções religiosas capazes de definir a posição social de cada indivíduo no grupo (Grijó, Berardo e Mendonça, 2009).

As pessoas nasciam e morriam como membros do mesmo grupo, de um sistema fixo de parentesco, de uma mesma tribo, com a trajetória de vida fixada antes mesmo de seu nascimento (Grijó, Berardo e Mendonça, 2009). Nessas sociedades, a identidade não era uma questão problemática e não estava sujeita às discussões ou alterações significativas; por isso, as pessoas não passavam pelas chamadas crises de identidade que surgiram com o advento da pós-modernidade e a subsequente ressignificação dos mitos.

A Geodiversidade à luz da fenomenologia: identidade e resistência no
quilombo Itamatatiua, Alcântara – Maranhão.

Analisando a condição pós-moderna, Hall (1999) e Bauman (2005) ressaltam que a identidade não é natural, geneticamente herdada, mas fluida e construída de acordo com as transformações do meio e da sociedade. Dessa forma, Hall (1999, p. 50-51) define identidade a partir da cultura nacional como

um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações, quanto a concepção que temos de nós mesmos. [...] ao produzir sentido sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem-se identidades.)

A comunidade de Itamatatiua, como as demais remanescentes de fazendas de escravos da época, tem sua identidade atrelada aos seus antepassados, sua origem e costumes que permanecem até os dias atuais mesmo em meio às transformações da sociedade contemporânea.

A produção da cerâmica (Foto 12), os festejos (Foto 13) e as crenças constituem a identidade desse povo, entretanto essa identidade pode se alterar se não houver o repasse dos saberes, fato que constitui um dos problemas atuais na comunidade, uma vez que apenas uma pequena parcela de jovens se interessa em aprender o fazer ceramista e a participar de demais festividades.

Foto 12: Artesã em processo de produção Foto 13: Procissão de Santa Tereza d’ávila



Fonte: Acervo da pesquisa



Fonte: acervo da pesquisa

Danielle de Assis Araújo Alves
Antonio Cordeiro Feitosa
Renan Augusto Fernandes Silva

Indagando se as Artesãs estavam repassando seus saberes, a maioria disse que sim para filhas, sobrinhas e netas. Entretanto, manifestaram a preocupação de que seus saberes não se percam e que as novas gerações continuem produzindo as peças de cerâmica, preservando não só o modo de fazer, mas a história e a cultura da comunidade que estão atreladas à atividade ceramista.

Em visita ao Centro de Produção de Cerâmica da Comunidade, para conversar com as artesãs, encontrou-se a neta da Maria de Lourdes, uma das quatro meninas que algumas artesãs qualificam como interessadas em frequentar o centro e aprender a fazer as peças. Indagada sobre seu interesse na atividade da produção ceramista, a adolescente disse que se sentia bem aprendendo o ofício de cerâmica, que gostava e achava importante.

A avó informou de sua satisfação em poder repassar o conhecimento para sua neta porque é a herança que irá deixar para ela. Perguntada como se sentia sendo artesã, respondeu que muito feliz e importante, pois atualmente tem amigos de todo canto até da Espanha.

Em conversa com a artesã Maria dos Anjos, foi perguntado para quem ela estava repassando seu saber, ao que respondeu ser para sua filha, que já estava sabendo fazer bem. Então interrogou-se o motivo dela ensinar para a sua filha, ela respondeu “Eu ensinei porque, pra hora que ela tiver a família dela e também o dia que eu chegar a morrer né, ela sabe né. Porque aí quando ela tiver a família dela e se sem família já tem o dinheirinho dela né, pra tá comprando as coisinhas dela” (Maria de Jesus, Comunidade de Itamatatiua, 2018).

A artesã Maria de Nazaré, quando interrogada sobre o repasse dos seus saberes, respondeu que ensinava sua filha, pois, quando morrer, o saber ficará para ela e para ter de onde retirar sua renda para sustentar sua família. A dona Canuta respondeu diferente, disse que nesse momento não

repassava a ninguém, pois mora apenas com um filho e um neto, os demais filhos não moram mais com ela.

Todas as artesãs têm sentimentos de felicidade e amor por suas peças; a argila utilizada para o artesanato da comunidade reflete a identidade desse povo, principalmente das artesãs que resistem mesmo em meio às dificuldades para manter viva a história dos seus antepassados.

A matéria-prima da produção de diversos tipos de utensílios de cerâmica como pratos, panelas, potes e moringas, entre outros, é constituída basicamente pela argila, elemento da geodiversidade, modelada de saberes, técnicas, tradições, cultura e história, desde sua extração, na fonte, até o embarque para a venda, não sendo somente um elemento abiótico da natureza quando ganha estes significados.

Conclusão

Constatou-se ser desconhecida das artesãs a origem da produção ceramista na comunidade de Itamatatiua, mas possivelmente motivada pela necessidade de utensílios para auxiliar nas atividades domésticas aproveitando a disponibilidade de argila local, matéria-prima de conhecimento histórico. Os indícios encontrados na comunidade evidenciam as relações entre negros e índios da área que estão expressas nas técnicas para confecção das peças de cerâmica.

O processo de produção da cerâmica compreende a coleta dos materiais: a argila, o Taquipé e a areia, utilizados na preparação dos utensílios no Centro de Produção onde passam por processos e são manipulados até chegar à consistência certa para a modelagem. Após estes processos as artesãs constroem suas peças através de técnicas como a roletada ou acordelada, que evidenciam os saberes indígenas passados para as gerações subsequentes.

Danielle de Assis Araújo Alves
Antonio Cordeiro Feitosa
Renan Augusto Fernandes Silva

A argila própria para a produção de cerâmica constitui uma fácies sedimentar disposta sobre a formação Itapecuru, em área rebaixada coberta por depósitos fluviomarininhos, e com formação de Argissolos Vermelho Amarelo Distrófico. Esta configuração relacionada com a hidrografia e o clima dominante na região da Baixada Maranhense, possibilita as características ideais para a formação de matéria-prima própria para o artesanato. A areia também é um elemento da geodiversidade que compõe a matéria-prima, mas por ser utilizada em pequena quantidade, substituindo em algumas peças, o Taquipé, atribui-se maior ênfase à argila.

Os saberes dos antigos são responsáveis pela seleção e coleta dos materiais e pela produção das peças para seu uso e comercialização; estes são exemplos da relação existente entre os elementos abióticos e a sociedade, cujo uso atribui significados que estão atrelados às suas vivências, experiências e são percebidos pelos moradores.

Os elementos da natureza utilizados na produção de cerâmica, com destaque para a argila, integram o conjunto da geodiversidade apropriado pelas artesãs através da abordagem fenomenológica compreende-se como elementos moldados pelas gerações, dotados de história, tradição, cultura, experiência e entre outros atributos. Estes elementos ganham significados pelos moradores que os utilizam nas atividades produtivas, no uso cotidiano para integrar a formação identitária e fortalecer a resistência da comunidade quilombola.

Referências Bibliográficas

- d'ABBEVILLE, Claude. História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão e terras circunvizinhas. Belo horizonte: Editora e Livraria Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de Almeida. Terras de preto, terras de santo, terras de índio - uso comum e conflito. Belém: NAEA/UFPA, 1989. In. Brasil. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável. Brasil rural em debate: coletânea de artigos/ coord. Nelson Giordano Delgado. Brasília: CONDRAF/MDA, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BANDEIRA, Arkley. Aproximações entre a Etnografia Arqueológica e os Modos de Fazer na Comunidade Quilombola de Itamatatiua, Alcântara – Maranhão. Revista de Arqueologia Pública. Campinas, SP. 2017.
- BANDEIRA, Iris Celeste Nascimento. Geodiversidade do estado do Maranhão: programa geologia do Brasil levantamento da Geodiversidade. Teresina: CPRM, 2013.
- BRASIL. Fundação Cultural Palmares. Certificação Quilombola. 2018. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?page_id=37551> Acesso em: 10/10/2018.

Danielle de Assis Araújo Alves
Antonio Cordeiro Feitosa
Renan Augusto Fernandes Silva

EMBRAPA. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária Sistema Brasileiro de Sistema Brasileiro de Classificação de Solos. 3a ed. Brasília, 2013.

FERREIRA, Jurandyr. Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Rio de Janeiro, IBGE, 1959.

FERREIRA, Rosinete; GRIJÓ, Wesley. Eu E Tu Em Itamatatiua: Traços De Uma Identidade Cultural. XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Rio de Janeiro, 2009.

GRIJÓ, Wesley; BERARDO, Rosa; MENDONÇA, Maria. A Identidade na Comunidade Negra de Itamatatiua sob a Perspectiva dos Estudos Pós-Coloniais. Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia, 2009.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, p. 50-51, 1999.

HURSSEL, Edmund. A crise da humanidade europeia e a filosofia. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. Cidades. 2017. Disponível em:<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/alcantara/historico>> Acesso : 08/10/2018.

MARANHÃO. GEPLAN-LABOGEO-UEMA. Atlas do Maranhão. São Luís: Labogeo, 2002.

MARQUES, Cesar Augusto. Dicionário histórico-geográfico da Província do Maranhão. 3º ed. São Luís: Edições AML, 2008.

A Geodiversidade à luz da fenomenologia: identidade e resistência no quilombo Itamatatiua, Alcântara – Maranhão.

MARQUES, Cesar Augusto. Dicionário histórico-geográfico da Província do Maranhão. Coleção São Luís: Ed. Fon-Fon e Seleta, 1970.

MEDEIROS, W. D. A.; OLIVEIRA, F. F. G. Geodiversidade, Geopatrimônio e Geoturismo em Currais Novos, NE do Brasil. Mercator. Fortaleza, v. 10, n. 23, p. 59-69. 2011.

MEIRA, Suedio Alves; MORAIS, Jader Onofre de. Os Conceitos de Geodiversidade, Patrimônio Geológico e Geoconservação: Abordagens Sobre o Papel da Geografia no Estudo da Temática. v. 34, n. 3, p. 129-147. Maringá, 2016.

NASCIMENTO, Taiane. COSTA, Benhur. Fenomenologia e geografia: teorias e reflexões. Geografia, Ensino & Pesquisa, v. 20, n. 3, 2016.

OOSTERBEEK, Luiz; REIS, Milena das Graças Oliveira. TERRAS DE PRETO EM TERRAS DA SANTA: Itamatatiua e as suas dinâmicas quilombolas. Caderno de Pesquisas. São Luís: UFMA, v. 19, n. 1, jan./abr. 2012.

PEREIRA R. G. F. A.; RIOS D. C.; GARCIA, P. M. P. Geodiversidade e Patrimônio Geológico: ferramentas para a divulgação e ensino das Geociências. TerraeDidatica, 12(3):196-208. 2016.

SERRES, Michel. O Contrato Natural. Lisboa: Instituto Piaget, 1990

SOKOLOWSKI, Robert. Introdução à fenomenologia. Tradução de: Alfredo de O. Moraes. São Paulo: Loyola, 2004.

SOUZA, Maria dos Reis Araújo; PINTO, Neuzeli Maria de Almeida. Lutas e resistências da comunidade de Itamatatiua, Alcântara - MA no

Danielle de Assis Araújo Alves
Antonio Cordeiro Feitosa
Renan Augusto Fernandes Silva

contexto cultural e socioeconômico solidário. IX Jornada Internacional de Políticas Públicas. Civilização ou Barbárie O Futuro da Humanidade. São Luís: PPGPP/UFMA, 2019

TOMAZELLO FILHO, M. Madeiras de Espécies Florestais do Estado do Maranhão: I - Identificação e Aplicações. 4º Congresso Florestal Brasileiro, Belo Horizonte, 1982.

VEIGA JÚNIOR, José Pessoa (Org). Programa Levantamentos Geológicos Básicos do Brasil. São Luís NE/SE, Folhas SA.23-X e SA.23-Z. Estados do Maranhão e Piauí. Escala 1:500.000. Brasília: CPRM, 2000.

VIEGAS, Josué; RODRIGUES, Taíssa; PEREIRA, Paulo. Sazonalidade da Dinâmica Fluviolacustre e sua Influência na Paisagem da Bacia do Rio Pericumã, Maranhão-Brasil. 2013. Disponível em: <<http://plutao.sid.inpe.br/rep/dpi.inpe.br/plutao/2013/05.31.17.23.51?languagebutton=pt-BR>> acesso em: 09/10/2018.